

# Dieese aponta redução no PIB e depressão

AJ10.936

São Paulo — É como se o país estivesse em greve. A cada dia parado na economia, o país perde 0,27% do PIB — e em quinze dias essa perda se acumula a 4,11% do PIB, o que significa que, com a desorganização econômica, o Brasil regrediu mais nesses últimos dias do que o crescimento global da economia no ano de 1989, que foi de um pouco inferior a 4%. O cálculo é do diretor técnico do Departamento Inter-sindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos, Walter Barelli, para quem o país já está na depressão, porque o que se deixou de produzir nesse período antes e principalmente depois do plano não se recuperará até o final do ano.

Barelli —, que participou ontem na sede da fundação Seade de um debate sobre o emprego e a renda após o plano Collor, com a participação da ex-ministra do Trabalho, Dorothea Werneck, e do presidente do Sindicato dos Bancários, Gilmar Carneiro —, citou o exemplo da indústria automobilística. Uma das mais prejudicadas até agora pelo plano, ela representa 8% do total da indústria, que por sua vez participa com 37% do PIB. “Já perdemos pelo menos 8% do setor automobilístico”.

A ex-ministra Dorothea Werneck chamou a atenção para o clima de “desespero e perplexidade” que toma conta dos funcionários públicos em Brasília, ameaçados com demissões e extinção de empresas. Ela observou que o clima está péssimo, porque os servidores estão sendo considerados o grande monstro, e isso poderá prejudicar a operacionalidade do plano.

São esses funcionários que conhecem o funcionamento da máquina administrativa e que elaboram os documentos necessários



*Barelli prevê dificuldade de recuperação*

ao seu funcionamento (portarias, circulares) e se eles estão vivendo um clima de perseguição, poderão emperrar ainda mais as medidas de ordem prática que operacionalizam a execução do pacote.

Para Dorothea Werneck não há excesso de servidores no Governo, e sim uma má distribuição nos diversos órgãos da administração pública.

O presidente do Sindicato dos Bancários e secretário-geral da CUT, Gilmar Carneiro, destacou que o aviso prévio que os empresários deram ao Governo acaba no próximo dia 15, e que a partir daí as empresas partirão para as demissões em massa, pois não terão como sustentar seus trabalhadores em férias ou licenças remuneradas. Caso se mantenha a paralisação econômica, a estimativa dos bancos é de uma demissão de 200 mil bancários em todo o país.